ESTÓRIAS ABSURDAS

FELIPE LOPES

EDITORA VERSOS & CANTOS

ESTÓRIAS ABSURDAS

Felipe Lopes

Ficha catalográfica e ISBN

Índice

Desumanidade....……..05
A viagem..…..……..09
Criatura.……...19
Cobra de fogo……...23
Mate do pastor……..33
Substância……43
Na padaria……45
O toque de ouro……49
A menina da carteira da frente…….55
O segredo…….67
A namorada……..75
Instruções de como abrir uma bala no culto da igreja sem que os colegas percebam e peçam……..81
Sábado……..85
A biblioteca……..91
Fuga……..99

Desumanidade

"O bicho, meu Deus, era um homem."

Manuel Bandeira

Na verdade, saíram da casa apenas com a roupa do corpo e duas sacolas cada um. Um menino, Antônio, de nove anos, seu pai, sua mãe. Nenhum deles tinha família por perto. A casa onde moravam era propriedade de um senhor, que tinha ao menos trinta casas para alugar, e alguns salões comerciais. O aluguel aumentava com a regularidade permitida em lei, mas não suportada pelo povo. Não houve como continuar pagando. O pai estava desempregado, a mãe costurava roupa, coisa que rendia pouco, quase nem o pão do dia. Os móveis ficaram na casa, pois não teriam mesmo para onde levar. Ficava compensando os meses atrasados. Nem ficaram sabendo que, depois, o dono colocou fogo, pois segundo ele tinham um cheiro horrível.

Os três ficaram na rua. Um dia só, pois ninguém merece. Mal dormiam, porque não havia nenhuma superfície confortável. Pelo menos poderiam ter trazido um colchão. Depois ficaram mais um dia. Mais outro, e todos os seguintes.

Escolheram um lugar do centro da cidade. Passava muita gente. Algumas pessoas tinham pena da criança e davam o que comer. O pai do menino começou a beber como nunca, bebia de cair e onde caía ficava desmaiado. Acordava apenas para beber. A mãe do menino, uma noite dessas, sumiu. As más-línguas fofocavam que ela tinha arrumado um outro homem que ficava sóbrio e tinha onde morar, mas não aceitava criança. Entretanto, ninguém sabia se isso era verdade mesmo. Fato é que não foi mais vista.

Depois disso o pai do menino não só bebia mas brigava e batia sempre que tinha oportunidade, por motivos imaginários. Ele já bebia antes, mas a agressividade ficou insuportável. Em pouco tempo, o menino achou que seria melhor ficar por si mesmo. Não havia muita vantagem em ficar com o pai, as vezes tinha até que dividir a comida que ganhava. Foi embora.

O pensamento do menino foi ficando cada vez mais pouco. Até que não precisava pensar em nada. Só comer, dormir e fugir do perigo. As vezes sua imagem causava espanto e o alimentavam. Mas suas feições estavam cada vez

menos simpáticas. O que sobrou de roupa era sujo e rasgado. Ele mordia as coisas até o osso.

Um dia, ao tentar abrir um saco resistente na rua, para ver o que achava. Notou que haviam dentes muito maiores na sua boca. Os seus caninos haviam se tornado verdadeiros caninos. “Pelo menos agora consigo abrir e morder as coisas com mais facilidade” pensou. As unhas de cachorro vieram em seguida, quando brigava com um cão que estava atacando.

No mês seguinte, ao fugir de um guarda no parque, notou que corria muito mais rápido em quatro patas. E não demorou para que seus membros virassem, de fato, patas. O guarda, mal podia distrair, e era mordido na canela.

Quando chegou o frio, o pequeno ganhou pelos. Os pelos eram eficazes, e ainda o dispensavam de conseguir roupa. Andava agora em grupo de cães, como ele. Sua visão ficou ruim e buscava as coisas pelo cheiro. Sentia o cheiro do perigo de longe e já era muito bom em fugir de pedradas.

Já não conseguia muitas esmolas nem comida dos pedestres. Instalou-se na frente de um barzinho, que ficava diante de uma avenida bem movimentada. O dono do bar lhe dava alimento em troca de afastar os outros bichos e os

bêbados que arrumavam confusão. O único som que saia da sua boca era “grrrr”. Era suficiente.

Em uma das madrugadas, um bando de jovens voltavam muito alterados da balada e queriam confusão na frente do bar, já fechado. O cachorro, com todo seu heroísmo, foi brigar com eles. Quando estava no meio da rua, passou um carro em altíssima velocidade. Bateu no cachorro, que voou, já era. Uma jovem que estava no grupo deu um grito: “Ai meu Deus!”. O cachorro morreu. A jovem aflita logo seguiu com o grupo e esqueceu.

De dentro do carro, o motorista era um senhor que ficou levemente irritado. “Tomara que não tenha danificado a lataria, senão vai me custar uma fortuna”.

A Viagem

Durante a viagem de ida, no ônibus, ela olhava o papel várias vezes. O pedaço de papel era recortado de maneira irregular: “2203 desce no mergado grande. Vira pra esquerda padaria direita três ruas Dona Ivone 87”. Essa anotação, tinha feito na noite anterior. Arlete, uma amiga da mãe dela, disse que a tal Dona Ivone estava precisando de empregada e deu as instruções para ela chegar lá, enquanto todos tomavam café. A medida que Arlete falava, ela ia anotando. São paulo é enorme.

Quando viu o mercado grande ela deu sinal para o motorista e desceu do ônibus. Foi olhando no papel e indo. Virar a esquerda, deve ser por ali. Foi andando, passou uma esquina, duas. Mas nenhuma padaria. Olhou de novo. Quatro, cinco, seis, sete esquinas. Nada. Virou a esquerda duas vezes e foi voltando por uma rua paralela. Talvez tivesse pego a rua errada.

Você, jovem, preste atenção, nesta época não havia mapa online, celular e GPS. Havia mapa de livro com as ruas, mas ninguém, quase, possuía. Ela foi de volta até o mercado grande. Andou mais três quarteirões e parou em uma

lanchonete, que era pequena e meio suja, visivelmente para os empregados, que ficava de frente para um restaurante chique de luz alaranjada.

Falou para o moço do balcão:

– Tem alguma padaria por aqui?

– Tem não. Padaria aqui só vai ter do outro lado de lá. – Apontava para o lugar do qual ela tinha vindo.

– Brigada.

Será que ela tinha anotado errado? Se no mercado fosse para a direita, faria sentido. É para onde o moço da lanchonete mandou. Foi para lá. Ela se orgulhava de saber esquerda e direita com precisão. Ensinava para todas as crianças. Chegou no mercado, foi, foi, viu a padaria. Mas não era como Arlete tinha falado. Ela falava muito bem sobre como era o lugar, mesmo que não viesse para esses lados há muito tempo. Tinha uma memória muito boa, a Arlete. A padaria que ela falou tinha que ter uma placa amarela, essa não tinha. Mesmo assim foi para a direita e andou três ruas, isto é, três quarteirões. Não tinha o prédio cinza com o portão preto. Não era ali, mesmo. Sentou na calçada e ficou analisando o papel. Pensava no que

ia fazer. Para onde? De que modo? Ficou uns quinze minutos, depois levantou. Não é legal ficar sentada na rua.

Resolveu que não tinha solução. Pediria para Arlete mais informação. Foi para o ponto de ônibus do outro lado da rua, e pegou o 2203, de volta. Tenho que sentar na frente, pensou. O ônibus era grande, tinha um cobrador no meio, diante da catraca. Teve que ficar no banco da frente, na janela. Ia olhando a paisagem e de vez em quando o papel.

Se sentiu um pouco mal. O cobrador estava olhando. Ela tinha que ir, a Dona Ivone estava esperando. Mas... Fazer o que né. Outro dia, dá. Poderia ter escrito tudinho que a Arlete falou. Ela falou muita coisa. Mas a escrita dela era bem devagar. Começou a pensar na escola, quando a professora apagava o quadro-negro antes dela terminar. Ela sempre foi assim. Olhou uma casa grande e bonita, com um jardim na frente. Parece a casa da Dona Graça.

Dona Graça era a mulher que cuidou dela na infância. Um dia, quando a mãe dela tinha voltado com o pai, pois iam e vinham na relação, a mãe foi trabalhar e o pai saiu distribuindo os filhos para as pessoas, todos os sete irmãos. Dava os filhos para as mulheres que voltavam da feira, com a cara triste por

falta de criança. Ela foi dada a Dona Graça, que era muito boa, tinha uma casa grande com um jardim na frente, feito esse que estava vendo da janela do ônibus. Ela tinha que ajudar no jantar e na limpeza, mas depois disso podia ir brincar no quintal. Ela nem se importava em limpar e cozinhar enquanto as crianças assistiam TV, porque sabia que ao anoitecer ela também poderia ver. Ela adorava “O sítio do pica-pau amarelo”. Foi a primeira vez que tinha uma TV para assistir. As trapalhadas de Emília e de Rabicó foram inesquecíveis.

De vez em quando as crianças ficavam tirando sarro dela, porque ela falava diferente. Tinha vindo da Paraíba com oito anos, e nessa época já tinha doze, mas ainda arrastava um sotaque. As crianças a chamavam de “baianinha”. Mas o que mais ela lembrava dessa fase era da escola. Dona Graça a mandava para a escola, junto com todos. Ela lembrava que era bem maior que a turma, pois estava com doze anos na primeira série. Mas enquanto a professora estava falando, ninguém olhava para ela.

Incomodava o cobrador olhar para ela, naquele ônibus. Ela nem estava no lugar dos idosos. Será que ele sabia? Deixa para lá. Na casa de Dona Graça ela tinha do bom e do melhor.

E Dona Graça não batia. Um dia a mãe dela apareceu no portão de Dona Graça. Estava requerendo a filha de volta. Não teve jeito, voltou. Foi um pouco difícil sair de lá, mas ela gostava da mãe, estava até com saudade. Depois disso foi, junto da mãe, procurar os irmãos, pois ainda faltavam dois. Continuou na escola até os 14, não mais. Teve que trabalhar.

Ônibus já estava chegando para mais da metade do caminho. Já lembrava daquele parque. A viagem é longa. Estava entrando em zona conhecida. Na viagem de ônibus parece que a gente entra é para dentro mesmo da gente. Teria que explicar para o marido que não achou a casa da tal Dona Ivone. Ele entende, não cria caso, ele sabe que é assim mesmo. Mas o cobrador agora está olhando mais vezes, por mais tempo. Parece que nunca viu. Ele já deve estar desconfiado, que eu não passo para trás. Ele que não venha com graça.

Vai saber se essa patroa era boa? Talvez nem fosse. Ela já passou por cada uma. Uma vez, com 15 anos, a mãe dela mandou trabalhar na casa da Dona Catarina. Até hoje lembra o nome da infeliz. Ela era muito ruim, e ainda tinha que dormir na casa. A mulher passava o dedo nos móveis todo dia para ver se tinha pó, e fazia eu comer na panela, no quartinho da

empregada, porque não gostava de dividir a mesa nem os pratos e talheres. Não gostava de trabalhar lá, e pediu para sair. Lembra que a mulher mandou ela esfregar o chão com esponja a madrugada toda. Disse “Só vai sair quando o chão estiver brilhando”. Não podia dormir. Dona Catarina não dormiu também, para ficar vigiando, com uma vareta do lado, enquanto fumava sem parar. Só deixou ela vir embora quando estava amanhecendo. Nem chinelo Dona Catarina quis emprestar e deixou sair descalça. Quando chegou em casa levou uma surra da mãe, que dizia que não se arruma serviço assim fácil para sair largando do nada. Mas estava acostumada com as surras, era quase um “boas vindas”. Isso foi pouco depois de voltar da dona Graça. Dona Graça não batia, lá tinha do bom e do melhor.

O ônibus era lento e não chegava nunca. Tinha muito trânsito. Por isso que cidade é ruim. Ficar presa, no ônibus quente e cheio é muito ruim. Ela tinha passado um tempo no campo, em Botucatu. Mas teve que sair fugida. Era ela e o marido. Um dos irmãos dela, José Antônio, tinha falado que o fazendeiro estava contratando, podia ir com família e tudo. Foi ela, o marido, e os dois meninos pequenos. Quando chegou lá,

soube que iam morar em um barraco junto do pessoal, cada família com seu barraco. Era como se fosse uma vilazinha. José Antônio foi também. Ela lembra dos meninos chupando mexerica a vontade. Tudo verde e grande, muito grande. Na manhã do dia seguinte, o marido foi trabalhar na roça. Ela ficou para moer mandioca junto das outras mulheres, e os meninos brincando no mato. Ficou sabendo, pelas mulheres, que todo mundo que entrava lá não conseguia sair, porque vivia cheio de dívidas com o fazendeiro. O barraco era alugado por ele, junto com as ferramentas. A dívida nunca acabava. Qualquer coisa, tinha os pistoleiros para fazer o serviço do chefe. Ela ficou assustada. De noite falou para o marido que tinham que ir embora, enquanto não eram muito conhecidos. Chamou o irmão também. O marido estava cansado, pois tinha cavado o buraco de uma piscina inteira sozinho e o chefe contava com ele para mais um serviço. Combinaram. No dia seguinte ela saiu bem cedinho, ainda tava escuro. Levou os meninos, sem fazer barulho. Disseram para ela que duas horas indo na direção da estrada dava em uma quitanda, e lá passava um ônibus às 9 horas da manhã. Ela foi embora, voltou para a casa da Selma, irmã dela. Um dia depois o marido e José

Antônio apareceram, com duas sacolas de feira. Todos os outros pertences ficaram lá. A vida mesmo dá cada reviravolta né. Lá não era tão ruim, se não fosse o medo. Tinha bastante mexerica. Só tinha aquelas formigas vermelhas e grandes que picavam e ficava dolorido.

O ônibus estava chegando. Teria que enfrentar o cobrador. Desceria no ponto final. Quando o ônibus chegou, todo mundo foi levantando. O cobrador ia dando o troco das últimas passagens. Chegou a vez dela.

– Eu tô sem dinheiro. Fui ver um serviço e não achei.

– O quê? – O cobrador não entendeu.

– Não achei o lugar do serviço. Não tenho dinheiro. – Tirou cinco centavos da bolsa. – Só isso.

– Você tá de brincadeira, né? Não pode viajar de graça, não. – olhou para o motorista. – Ela não tem dinheiro.

– A gente tá trabalhando, pô, não pode acontecer essas coisas. – falou o motorista.

Ela segurou tudo que estava preso na garganta. Respirou fundo e colocou a cara feia.

– Tá bom, moço. Eu pago na próxima.

– Vá embora antes que eu fique nervoso, desgraça. Não ache que pode fazer a gente de palhaço. Vá!

Ela pulou do ônibus e foi andando o mais rápido que pode. Quando a cabeça deixou de ferver, foi pensando em falar para Arlete que não queria mais aquele serviço, não. Era muito demorado para chegar.

Criatura

No sonho do homem que sonhava, o sonhado despertou.
(Jorge Luis Borges)

O homem estava acostumado a fazer esculturas. Já há muito tempo dedicava sua arte e manha no retirar da pedra as mais diferentes figuras. Bustos, deuses gregos, ninfas, árvores e pessoas nas mais diversas poses e expressões. Tudo com a maior neutralidade e sem emoções. Em cada coisa enxergava as formas geométricas, martelo e mármore.

Mas não desta vez. A escultura que retirava de dentro da pedra o perturbava o sono. Acordava suado e ofegante, tanto que precisava trocar as camisas três vezes à noite. Até abrir os olhos ele visualizava parte da forma de uma figura humana, mas desfigurada. Cada noite só lhe era revelada uma pequena parte. A mão, o olho, o canto do lábio, o dorso, o cotovelo.

Até que decidiu. Concluiu que aquela figura maldita não o deixaria em paz até que fosse colocada em pedra, parte a parte, noite a noite. Queria, no fundo, contemplar cara a cara,

de corpo inteiro, aquele que atormentava seus pesadelos, a figura que o ser desperto não tolerava conceber.

Durante várias noites, nos sonhos intranquilos, a figura parcial que ficava impressa na retina era transportada para o mármore. Foi ganhando forma. Aquela obra não saia na perfeição do cálculo, como as outras, mas saia como um grito ou como um vômito, era a perturbação da alma endurecida.

A cada lasca retirada da pedra, mais aquilo lhe dava calafrios. O rosto foi tão incômodo que ele não o olhava por completo, apenas a pequena parte que trabalhava naquele momento.

Quando terminou a obra, já estava sozinho no atelier há muitas semanas, só tinha contato com o rapazinho que vinha trazer as compras do mercado e padaria. A solidão completa sempre fora condição de criação, mas agora a solidão com aquela figura macabra lhe fazia estar o tempo todo atento.

Colocou por cima um pano branco, de modo a cobrir a obra da cabeça aos pés. Foi descansar o sono tão desejado, já que não havia mais parte do corpo a ser transportada para a pedra, os pesadelos acabariam.

Mas nessa noite a sua mente passeou por um grande vazio, no qual despertava um fogo, o fogo saia de uma espécie de coração em forma de punho, palpitante. Era tão quente que ele não podia chegar perto. Logo estava em um castelo, com muitos quartos. Corria, o calor era insuportável. Buscava a saída, que devia haver, embora não fosse nunca encontrada. Quando chegou em um salão escuro, encontrou um manto branco embolado no chão. Mais a frente aquela figura inteira, encarando. No peito palpitava o fogo. Tentou gritar, mas o som ao invés de sair da própria boca, saia da figura.

De repente aquele olhar o paralisou. Agora sabia de tudo. O rosto, odioso e bestial, não podia ser…

O artista, foi encontrado dois dias depois, deitado no chão, gelado. O rosto estava com feição assustada. O martelo ainda na mão.

Cobra de fogo

(Raízes do Brasil I)

1499. No mar, perto de onde hoje é o litoral sul do estado de São Paulo.

Uma tempestade muito forte sacolejava o navio. Bartolomeu Dias, que era o chefe daquela expedição, lutava para manter as velas inteiras junto com seus marujos. Enquanto isso, na parte de baixo do navio, estavam Joaquim Alvares, homem das letras, e Duarte Perez, este último também conhecido como "o bacharel". Joaquim foi conversar com ele para ver se tinha alguma erva medicinal, pois estava com uma leve dor de cabeça. A tempestade foi amansando, enquanto a tripulação arrumava toda a bagunça deixada pelo balanço do navio. Recolhiam papéis, recolocavam nas pilhas os caixotes de bolacha, ainda conseguiam matar um rato ou outro que era descoberto pelos cantos.

Quando tudo já estava no lugar, e no céu já começava a dominar o azul no lugar do cinza, um dos marujos gritou: É terra! Todos correram para cima, para ver. Na medida em que

foi se aproximando, eles puderam observar que a terra era tão grande que não viam onde começava e terminava, norte a sul. A praia tinha uma areia bem clara, e uns vinte metros a frente, começava uma floresta bem densa, com algumas árvores que nenhum deles reconhecia.

Cosme, que era cartógrafo, começava a anotar em um papel os aspectos geográficos que via. Mas não podia ver muito, já que ficaram parados na mesma praia. Bartolomeu Dias chamou os seus marujos mais experientes para uma conversa, e disse:

– Esta ilha não consta nos nossos mapas, mas pode ser uma daquelas terras gigantescas que aparecem nos boatos das cortes espanholas e portuguesas. Caso seja, é preciso que tomemos cuidados, pois aqui vivem povos selvagens que não falam nossas línguas e que talvez precisaremos enfrentar.

– Capitão, não podemos estabelecer relações com eles?

– Não sei, talvez não estejam interessados. Não sabemos como amansá-los. Se aparecer um só, ou dois, podemos capturar e veremos o que sucede.

Após esta conversa, os marujos ficaram atentos a qualquer sinal de movimento da floresta, e só foram buscar

lenha na parte mais próxima, na entrada da mata. Quando todos já estavam alimentados, montou-se a guarda para que os companheiros fossem deitar-se. Joaquim Alvares e Julião ficaram de guarda, até metade da noite. Quando já era por volta de duas horas da madrugada. Joaquim sonolento encarava a floresta, não sabendo bem o que era barulho de bicho, de folhas, de humanos. Porém pareciam que haviam passos se aproximando. Mas ele não estava se sentindo muito bem, com febre e dores de cabeça. Até que viu uma chama de fogo, única e fina, que explodiu e sumiu em instantes. Tinha o formato de uma serpente. Mas após isso, total silêncio, só o vento nas folhas e os pássaros noturnos.

Trocou a guarda e Joaquim foi dormir. No dia seguinte, todos foram explorar a terra de maneira mais ampla. Rumaram para o norte, sempre em bando. Alguns deles ficavam responsáveis por levar o navio pela costa, acompanhando a tropa. Quando cansaram se instalaram em uma das praias ao norte. Joaquim e Duarte Perez foram buscar lenha. Mas desta vez entraram mais adentro da mata, pois eram muito curiosos. Cosme viu que tinha uma pedra enorme, no fim da praia em que estavam e fez questão de subir lá. Lá de cima, gritou:

– Está vindo um exército! Os nativos vão atacar! Corram.

De fato, do alto do pedregulho era possível ver centenas de indígenas que se aproximavam, passando por um trecho em que as árvores eram menos densas. Além dos que eram vistos, poderiam supor que muitos estivessem escondidos onde não se podia ver. Um dos indígenas atirou uma flecha na direção da pedra onde estava Cosme, que desceu rapidamente.

– São centenas, não temos chance, vamos para o navio.

Todos os homens que estavam na praia saíram em direção ao navio, a maior parte deles nadando. Bartolomeu e Cosme, foram no barquinho que haviam deixado na praia. Em cinco minutos todos estavam no navio, com exceção de Joaquim e Duarte, que estavam tão longe na floresta que não ouviram os gritos dos companheiros.

Eles ouviram os passos dos nativos se aproximando, perceberam pelo som que eram muitos. Mas nenhum dos dois tentou correr, pois sabiam que estavam longe da praia. Pegaram suas armas, que estavam na cintura. Tinham apenas um tiro cada, pois teriam que recolocar a pólvora. Os indígenas

os cercavam e falavam uma língua desconhecida. Duarte gritou:

– Saiam de perto! – Enquanto gritava levantou a sua arma.

Mas não adiantou, os nativos cercavam e se aproximavam, com lanças e arcos, com pinturas no corpo e pele bronzeada. Quando estavam quase encostando em Duarte, este deu um tiro para o alto. E todos saltaram de susto. Recuaram uns dois metros. Mas o susto durou apenas alguns segundos. Já estavam se aproximando novamente dos dois portugueses.

Joaquim atirou em um indígena e o tiro acertou na perna. Mais um susto. Um grupo foi socorrer o nativo baleado. Os outros foram para cima dos dois. Duarte lutou, mas foi contido em pouco tempo. Joaquim nem conseguiu lutar direito pois estava muito doente. A febre e a dor de cabeça já tinha lhe tomado todo. Eles os acorrentaram. Joaquim viu que chegou do sul um novo grupo de nativos, que tinham as suas pinturas em formas diferentes destes que o haviam capturado.

Viu que um dos recém-chegados chamou um dos que estavam ali para conversar. Eles falavam em tom de irritação.

Joaquim imaginou que eram dois líderes, que debatiam algo sério. Até que um deles, que fazia parte do grupo que capturou, mandou buscar o Duarte. Ele foi levado até o outro grupo, que o pegou e foi embora em direção ao sul. Agora ele estava completamente sozinho.

Eles saíram dali em direção ao noroeste por uns vinte minutos, chegando a uma pequena aldeia. A aldeia tinha por volta de onze casas, cobertas com palhas e rodeadas com troncos finos. Alguns dos nativos ficou por ali e outros continuaram seu caminho. Joaquim ficou amarrado em uma dessas casas. De vez em quando, alguém colocava a cabeça para dentro para vigiá-lo ou, os curiosos, para vê-lo. A doença já estava começando a passar. Lhe deram alguma coisa para comer. Ao anoitecer, o chefe, que ele vira conversando antes, foi até ele, cortou um pedaço do seu braço, uns 3 centímetros, e colocou em uma cuia de barro com água. Ele acendeu o fogo e cozinhou aquela cuia.

Todos os indígenas daquela aldeia se juntaram ali onde ele estava, em frente ao chefe e à cuia fervente. Eram quarenta e duas pessoas, Joaquim contou. O chefe tirou a cuia do fogo. Falou algumas palavras, e serviu um gole para cada um,

levando a cuia à boca de cada nativo. Não era o suficiente para se alimentar, mas eles pareciam ansiosos para receber o líquido.

No dia seguinte, ele pensava que ia morrer, não tinha mais jeito. Pensou nas grandes navegações de seu povo e nas histórias heroicas. Provavelmente as histórias nunca chegariam a falar dele, pois não havia ninguém para registrar seus feitos. Elaborou estes versos, que ficava repetindo mentalmente:

O que vim eu fazer cá neste covil,
terra de selvagem aventura?
O mar, o fel, a arma e o pavio,
são todos vãos diante a pedra dura.
Sem os companheiros, nem fuzil,
Ao pé de estranha noite escura.
Ó rei não me permita o mal destino.
Pois de ti eu vim a espalhar o hino.

Será que mal eu faço nessa terra,
Que o mundo me condena ao degredo?
Não esperem de mim que fuja a guerra.

Enfrento tudo antes de vir o medo.
Minha honra só acaba quando enterra
Mesmo se pereço em segredo.
Meu Deus dai a resposta, pois, urgente,
Eu sei que acompanha minha gente.

Durante mais quatro dias ele passou assim, amarrado, comendo pouco, e com seus pedaços retirados pelo chefe a cada anoitecer. No final do quarto dia, ele viu que o semblante da tribo mudava. Eles pareciam estar mal de saúde. Neste dia não fizeram o cozido com o seu pedaço. Ele via os indígenas desmaiando e sendo cuidados pelo chefe. Percebeu que muitos deles tinham manchas vermelhas no rosto e no corpo todo. A fogueira aquecida tinha uma sopa de peixe, que o cheiro fazia Joaquim ter água na boca.

No dia seguinte, viu muitos indígenas morrendo. Aquela praga que se espalhou pela aldeia não tinha deixado nenhum de fora. Foram morrendo, sete, dez, quinze, vinte cinco. Em uma semana, não sobrou mais ninguém ali, exceto o Joaquim. Quando ele percebeu que estava sozinho, forçou a corda até estourar. Pegou a lâmina que era usada para cortar

sua carne e soltou as suas mãos, que estavam presas uma a outra.

Foi até o centro da aldeia, onde havia uma fogueira, quase se apagando, pegou uma brasa e saiu ateando fogo em todas as casas. Gostou de ver aquele fogaréu que subia em direção ao céu estrelado. Quando a aldeia ardia em fogo, ele saiu para o meio da floresta. Mas mal adentrou a ela e se deparou com uma serpente enorme. Tropeçou e caiu no chão. A sua frente a serpente se erguia, às suas costas, a aldeia. Ele olhou para os olhos da serpente e neles refletia o fogo. Ela estava irada, e preparava o ataque. O fogo era a própria serpente.

Levou o bote e ficou ali mesmo. Enquanto agonizava, antes da morte, viu a serpente indo para a aldeia, se misturando com o fogo.

Mate do pastor

Na sala de estar da casa de Alexander, é servido o chá com biscoitos enquanto ele e seu amigo Marcos preparam o tabuleiro. Alexander inicia o jogo.

---

1. e4

No castelo do reino das terras brancas, o rei Luís, inquieto, andava para um lado e para outro no salão principal, na frente do trono. O salão era claro, com o chão todo de mármore branco, de modo que a luz dominava completamente o ambiente. Ele esperava que os conselheiros, há pouco requisitados, estivessem presentes, pois um confronto com o reino vizinho deveria iniciar, e não havia tempo a perder.

Chegou o grupo de conselheiros. Padres, rainha, cavaleiros e guardas do castelo. Cada um tinha seu modo de agir. Cada um mirava alvos diferentes. Os reinos já não se toleravam, pois os vizinhos queriam expandir seu território e só

era possível abarcando o território do reino rival. Não havia a solução possível senão a ruína de um deles.

– Devemos aproveitar a vantagem e iniciar os primeiros movimentos, pois o tempo está a nosso favor. Guarda! Vigie as fronteiras e informe tudo o que acontecer. Mas ainda não ataque.

O guarda principal, que defende pessoalmente o rei, saiu da reunião e rumou em direção a fronteira com o reino vizinho.

1. e4 e5

O rei João, monarca do reino negro, estava em uma refeição quando recebe a notícia de que foi avistado um soldado do reino branco rondando a fronteira. Ele, já imaginando que a inevitável guerra se aproxima, limpa a boca e diz para o soldado que está na porta:

– Vá para a fronteira. Fique de olho no soldado inimigo que está por lá circulando. Mas espere as ordens antes de

qualquer conflito. – depois virou-se para um criado – chame o cavaleiro, preciso falar com ele.

O soldado andou e parou no limite da fronteira. Quando estava distraído, contemplando os pastos e as aves, em busca de um sinal dos deuses, deu de cara com o soldado inimigo.

A espada dos dois continuava na bainha, e se encaravam com a convicção de que a qualquer momento teriam que usá-la; A guerra era, de fato, iminente.

2. Dh5

Francisca, a rainha do reino branco, sabendo do inevitável conflito, decide que precisa fazer alguma coisa. Ela, entretanto, hesita, pois sabe que qualquer coisa que fizer é arriscada. A sua morte ou captura é suficiente para a ruína de todo seu reino. Mesmo assim, sabe da sua responsabilidade. Pensa que o que ela está prestes a fazer ninguém no reino seria capaz.

Ela percebe que o soldado que protegia os aposentos do rei está ausente, e move-se sorrateiramente por ali para fora do

castelo. Quando encontra os verdes prados, caminha para um canto, além da fronteira entre os dois reinos. Ela conhece muito bem o reino vizinho, pois antes de se casar havia sido cortejada pelos dois que ocupam as cadeiras reais, mas que na época eram apenas príncipes mimados. Havia passeado naqueles campos, com a inocência da juventude, sem a preocupação atual de fazer com que o seu reinado prevaleça sobre o inimigo.

Ela se colocou em uma posição abaixo de uma árvore, de lá conseguia ver um lugar que era guardado por apenas um soldado. Sabia que ali era um ponto fraco das defesas do castelo, pois quando jovem havia entrado furtivamente por ali, para ver o príncipe. Aquele lugar ficava perto da sala onde o rei trabalhava assinando os decretos e fazendo discursos.

2. Dh5 Cc6

A rainha do reino negro, Marta, se encontra com Lancelot, um dos cavaleiros. Este estimado cavaleiro esteve ao seu lado durante toda a sua vida, sendo um companheiro em todos os momentos de necessidade. Quando havia alguma

viagem, era ele mesmo que ficava a frente da guarda da rainha, conduzia a sua carruagem e não saía de perto dela, com medo de algum atentado. Agora, ele via em seu semblante uma preocupação que acentuava suas rugas. Isto o consternou:

– O que te aflige, oh, minha rainha? – Perguntou.

– Meu destino se funde ao destino desta terra, – disse a rainha – por isto preciso que esteja atento e que lutemos, nós dois, pela coroa que meu marido carrega. O tempo do derramamento de sangue se aproxima. Coloque-se à frente da batalha. Eu estarei, aqui, me preparando para oferecer-me à guerra.

3. Bc4

O bispo branco tinha ido fazer uma visita à rainha, para abençoá-la e para dar conselhos. Porém, percebeu que ela não estava em seu quarto e que nenhum dos serviçais do castelo sabia de seu paradeiro. Ele imediatamente começou a procurar por ela em toda parte.

Até que lhe veio a ideia: ela poderia estar a se aventurar no reino inimigo, tentando ato heroico ou ato de traição, mas que apenas colocaria tudo a perder. Foi então, procurar por ela no campo, na direção do reino inimigo.

Ele sabia da relação passada entre a rainha e o rei João. Ela havia confessado a ele que o Rei inimigo, João, era o favorito de seu amor quando jovem, mas que o seu pai havia decidido que se casaria com Luís, o que aceitou finalmente, percebendo que não havia escolha. O bispo desconfiava de uma traição, que não só mancharia a honra do rei, mas que destruiria o reino, pois a situação de guerra fazia com que alguém tão importante como a rainha tivesse um papel decisivo.

3. Bc4 Cf6

Seguindo a estratégia do rei negro, o cavaleiro real se coloca em posição a frente ao castelo. Ele começa a imaginar, sendo um grande mestre das estratégias militares, como pode

saltar com seu cavalo em direção ao reino vizinho. Seu ataque sempre é imprevisível e desconcertante.

Ele percebe que em um dos lugares que está ao seu alcance, uma moça desconhecida passeia. Ele pensa em ir até ela e pedir que se retire, pois em breve aquele lugar se tornará um campo de guerra. Ela deve buscar um local tranquilo para o seu passeio, e isto só é possível longe daquelas terras. Caso contrário, que fique em seu lar.

Mas não deu tempo, pois...

4. Dxf7#

A rainha percebe que, com o cavaleiro naquela posição, onde ela estava passa a não ser mais um lugar seguro. Ali só havia duas escolhas: ir adiante e colocar-se na zona mortal, ou voltar para um local seguro e contemplar a guerra da retaguarda. Mas está decidida a não recuar.

Ela passa despercebida pelo cavaleiro, e consegue se instalar nas suas costas. Se encontra com o guarda daquela entrada do castelo, que diz:

– Boa tarde, senhorita. Quem és? Não devias estar aqui.

– Sou uma humilde camponesa. Vim trazer um pedaço de pão, pois te vi neste posto desde cedo e imagino que esteja com fome.

– Estou sim. Agradeço pela gentileza. – aceita o pão – Mas não posso permitir que fique por aqui.

Ela se afasta lentamente. Quando o guarda morde o pão e, pouco tempo depois, desmaia para não mais acordar, ela volta e o encara com grande medo, como se nunca tivesse imaginado ser possível fazer tal coisa. Havia preparado o pão para o rei João, mas precisava passar pelo guarda.

Vê-lo caído no chão, ao mesmo tempo que lhe amedrontou, lhe deu coragem, a coragem do desespero. Já que tinha ido tão longe, seria preciso ir até o fim. Adentrou o castelo, abriu a porta do escritório do rei. Encontrou ele sentado em sua cadeira, atônito ao vê-la em sua sala.

– Francisca, o que fazes aqui?

– Vim ver-te.

– Agora não é um bom momento para nos encontrarmos. Nossos reinos não estão mais em harmonia, e receio que teremos que nos enfrentar.

– Mas justamente por isso preciso vê-lo.

– Não há como interrompermos o movimento do destino. Muitos soldados e cavaleiros já estão a postos. A qualquer hora a luta explode.

A rainha branca se aproxima do rei João. Ele não sabe como reagir a isso e apenas espera. Ela segura seu braço e lentamente lhe dá um beijo nos lábios, enquanto as lágrimas caem. Ele, no espanto, permanece de olhos abertos e percebe que, de fora da sala, o bispo do reino branco está a admirar tudo pela porta aberta, com sua batina suja da grama.

A rainha, afasta sua boca da face tremente do rei, e lhe enfia um punhal no peito na altura do coração. Ele arregala os olhos e vê, na hora derradeira de sua queda, sua antiga amada e agora assassina olhando as mãos sujas de sangue gritar como que voltando de um acesso de loucura.

A morte prematura do rei desestabiliza o povo, que se entrega, sem a proteção de Deus. Pois, caída a coroa, o reino ruiu.

– Xeque-Mate – Diz Alexander, com um leve sorriso.

– Uau, isto foi rápido. – comenta Marcos, ainda surpreso com a última jogada.

– Uma partida elementar, iniciante.

– Na próxima vez, não cairei mais neste golpe.

E reorganizam o tabuleiro na posição inicial. Cada um toma um gole de chá, e morde um biscoito.

Substância

Despertador. Olhos. Espelho. Olheiras. Escova de dentes. Café. TV. Jornal. Roupa. Bilhete-único. Mochila. Porta. Quintal. Rua. Ponto-de-ônibus. Tempo.

Ônibus. Sinal. Catraca. Bancos. Pessoas. Janela. Casas. Prédios. Bares. Padarias. Tempo. Tempo. Sinal. Porta. Rua. Ponto-de-ônibus. Tempo. Tempo. Ônibus. Sinal. Catraca. Tempo.

Sinal. Porta. Rua. Esquina. Esquina. Porteiro. Crachá. Elevador. Andar. Colegas. Mesa. Computador. Papéis. Fichas. Cadastro. Planilha. Planilha. Planilha. Chefe. "Meta. Atraso. Corte. Desemprego. Meta. Meta." Planilha. Planilha. Chefe. Papéis. Papéis. Montanha. Cansaço. Relógio.

Porta. Refeitório. Café. Biscoito. Conversas. Relógio.

Mesa. Computador. Fichas. Nome. Endereço. Dados. Dados. Planilhas. Pilhas. Dedos. Teclas. Cansaço. Sufoco. Apineia. Banheiro. Celular. *Instagram*. Viagens. Praias. Danças. Celebridades. Mansões. Carros. Festas. Relógio.

Mesa. Computador. Planilhas. Nomes. Fotos. Números. Tempo. Tempo. Relógio.

Mochila. Elevador. Portaria. Rua. Ponto-de-ônibus. Anoitecer. Ônibus. Sinal. Ônibus. Sinal. Caminho. Casas. Esquinas. Lar.

Esposa. Crianças. Jantar. Arroz, feijão, chuchu, ovo. "Mercado. Preço. Trabalho. Boletos. Energia. Água. Internet." "Escola. Livros. História. Estória. Matemática. Brincadeiras".

Televisão. Novela. Jornal. Novela. Celular. *Instagram*. Viagens. Mansões. Restaurantes. Cafés. Festas. Ricos. Sono. Sofá. Sono. Almofada. Mansão. Dinheiro. Sucesso. Conquista. Chances. Sonhos. Felicidade.

Despertador.

Na padaria

Quando eu era criança, no final dos anos 90, certa vez fomos eu e a minha irmã passar o fim de semana na casa da minha tia, onde moravam também duas primas nossas. Era um lugar com rua de terra, com casas construídas de maneira improvisada. No domingo de manhã fomos junto com minha tia na padaria para comprar pão.

Quando chegamos lá encontramos uma fila que começava a tomar a rua, já que não havia calçada. A padaria era pequena, do tamanho de uma garagem para um carro. Tinha um balcão e atrás dele uma espécie de janela onde o padeiro colocava o pão em um compartimento, de modo que eles ficavam visíveis por uma espécie de vidro.

O motivo da fila era o seguinte: uma senhora, que aparentava ter uns sessenta e cinco anos, estava sendo atendida pela balconista com um grupo de cinco ou seis crianças. Na época, pensei que fossem seus netos, mas hoje já não tenho tanta certeza. Percebi que cada uma delas poderia escolher um pão francês e estavam pensando minuciosamente qual pão iriam escolher. Cada vez que uma criança escolhia o seu pão,

depois de longa consideração, ela dava pulinhos de alegria e batia palmas, com o sorriso de orelha a orelha. Elas conversavam e apontavam o pão que haviam escolhido. Depois de pensar e analisar por tanto tempo, elas conseguiriam distinguir o pão escolhido de qualquer outro no mundo. A conclusão mais impactante a que eu cheguei observando a cena era de que a preferência de todos era pelos pães maiores. Eu vi que a escolha do pão para elas era a coisa mais feliz que aconteceria naquele dia, talvez naquela semana, pois só isso justificaria tamanha alegria.

Essa foi a primeira vez que senti culpa de comer pão todos os dias. E de nem fazer diferença entre eles, poder comer dois três ou quatro quando me desse vontade. Aquela era uma felicidade que denunciava que comer pão era um fato extraordinário. É a felicidade que denuncia que algo não vai bem, a sombra da miséria demonstrada em sua figura inversa: a felicidade de ter o pão do domingo.

Depois que a senhora foi embora com as crianças, felizes e conversando, a fila, que já estava gigantesca, começou a andar em ritmo normal. Ninguém da fila reclamou, a balconista também não reclamou. Todos estavam sentindo e

pensando aquela cena, com a culpa de serem um pouco menos pobres do que aquelas crianças. Mas no íntimo estavam contagiados com a felicidade sincera, que pesava fundo em cada um: aquelas crianças hoje teriam pão.

O toque de ouro

Uma mesa de reunião:

– Aqui temos o Eduardo. O novo CEO da Midas Corporation. Além de um grande gestor, é um dos maiores investidores do país. Inclusive seu investimento na empresa será fundamental para acelerar o nosso crescimento. Esse homem é fantástico! Tudo que ele toca vira ouro!

Um monte de aplausos.

– Obrigado. Espero contribuir com o sucesso dessa nossa companhia. Sei que a responsabilidade é grande, mas pretendo buscar as melhores soluções para cada momento. O momento de crise pode ser muito lucrativo, para quem souber onde direcionar.

Eduardo era um homem de família rica. Ele se sentia muito bem-sucedido por possuir quatro bilhões de *dollars*. As vezes nem lembrava que três bilhões ganhou de uma vez, com a morte do pai. Ele nunca tivera que trabalhar, nem com a enxada nem com a caneta. Tinha vários amigos do mercado: Gente grande, como o Jefferson, dono da *Midas Corporation.* Só brincava de tirar o dinheiro daqui e colocar ali, parecendo

mesmo que nem era de verdade.

Sentindo falta da concretude, mandou fazer um *bunker* com segurança máxima, *hi-tec*, *hi-sec*. Dentro dele juntou barras de ouro. Ele costumava passar algumas horas lá para pensar. Tudo era tão cheio e iluminado para reluzir, a amarelidão do ouro chegava a cegar. “O ouro cega mais do que tudo, sem dúvida”, pensava, mesmo sem saber o quanto isso era verdade.

Mas ainda não era suficiente. Queria saber como era que o dinheiro trabalhava para ele. Que mágica havia na sua conta que sempre surgia mais. Investigava. Por isso, lá pelos quarenta anos, decidiu olhar o que os *Cases* de sucesso poderiam ensinar no gerenciamento das empresas. Viu casos de empreendimentos na crise. Sacou as manobras envolvendo influências políticas. Tinha vontade de colocar a mão na massa.

Certo dia estava conversando com Jefferson.

– Como está a vida, bacana?

– Estou muito cansado. Acho que vou tomar um tempo livre. Eu e meu filho estamos querendo um lugar para dar uma viajada.

– Se quiser, tenho um lugar nas Maldivas. Pode ficar por lá.

– Olha, uma boa ideia, acho que podemos fechar esse negócio.

Eles olhavam que a filha de Eduardo e o filho de Jefferson, conversavam animados. Viviam a alegria de quem não necessitava. Eles se conectavam. Eduardo mal sabia que, na viagem das maldivas, sua filha estava se incluindo.

– Olha aqui – disse Jefferson – O que acha de tomar conta da *Midas* para mim? Fiquei sabendo que está curtindo administração.

– Não sei se consigo.

– Não se preocupe. Parece que a roda gira sozinha. Há uma mão invisível que trabalha, a gente só coadjuva. Olha, nossos filhos estão se entendendo. – Falou sorridente, enquanto apontava para os jovens se beijando.

Na verdade ele sabia que sua filha estava interessada no jovem, e essa aproximação era uma oportunidade de negócio. Tudo aconteceu como previsto. Os jovens se enamoravam. Não tinha mesmo porque não apaixonar. Os jovens eram mesmo todos iguais.

Na empresa, ele descobriu que administrar era mesmo muito natural. Eduardo comandava como se fossem uma grande família. Tudo era sempre para o bem dos negócios, subiam os verdes, fugiam do vermelho. Cada ação era meticulosamente calculada em termos de impacto no faturamento. Seu prazer era sentar no *Bunker* de ouro e pensar na próxima estratégia. Bancavam campanhas de presidente. Elegiam deputados. Qualquer entrave político estava à distância de uma ligação. Desmatamento, exploração, monopólio. Tudo isso era demais abstrato. “O dinheiro deve girar, tudo o mais é só falatório”.

Um dia, viu que as pesquisas em tecnologia haviam otimizado as máquinas e os sistemas informáticos, a ponto de não precisar mais de 30 mil funcionários. Via na planilha os gastos mensais desnecessários para a empresa. Não pensou duas vezes: Demissão. Ainda mais: “vejam se não conseguem incluir justa-causa em quem já tiver dado motivo”. Falava para os *seniors managers.*

No dia seguinte, a tarde, se deparou com um protesto a sua porta. Milhares de pessoas pedindo a readmissão. Se assustou quando viu na janela do prédio aquela coisa toda.

Nunca ligou os números da planilha às pessoas reais. Lembrou que não era um jogo, embora fosse. Foi nesse dia que descobriu o que a empresa fabricava e vendia. Pois o "sindicato dos trabalhadores produtores de aparelho celular" gritava no caminhão. O choque foi profundo, mas logo tudo foi ganhando explicação. A ideia é rápida para construir uma justificação das coisas. O dinheiro é que precisa do ser humano. O dinheiro usa os homens e mulheres para se autoconservar e reproduzir, é a lei feita natural, desde o início.

Pois bem. Passou. Os trabalhadores não conseguiram nada. O choque foi esquecido, até. Tudo na normalidade. Mas certo dia, quando estava no seu rotineiro momento de relaxar no *bunker* de ouro, notou um comportamento estranho da sua faxineira. Me desculpe o leitor. Ela não tinha aparecido até aqui porque não era nem sequer notada. A esposa dele que cuidava de tratar com ela, e com todas as coisinhas de casa.

Aí ouviu um barulho. A porta do *bunker* fechou. A empregada bateu com toda força. Por fora, deu curto no sistema elétrico e quebrou o aparelho que desbloqueava a entrada. Fugiu sem que ninguém percebesse.

Lá dentro o homem viu um bilhete no chão. Estava escrito: “Meu marido foi demitido por você. Quero que você morra. Ass: Rosa.” Quem era Rosa? Deduziu que devia de ser a empregada.

Lembrou que sua mulher estava viajando, que nenhum dos seus funcionários estava autorizado a chegar perto do *Bunker*. Morreria para sempre. E estava com fome. Depois de uma dezena de horas, chegou a ter a ideia maluca de querer comer aquelas barras de ouro. Delirava. Imaginou sua filha, toda brilhante. Não falava com ela fazia um mês. Não havia porque ela aparecer ali. Não havia Deus ou diabo que o auxiliasse. Nos últimos momentos, não teve uma revelação nem nada nobre. Pensava que poderia morrer em uma sala maior com mais ouro: “uma morte muito mais digna”. Talvez se a empresa lucrasse um pouco mais, teria conseguido. Mas fez o que pode.

A menina da carteira da frente

– Então, doutora, minha mãe quis que eu viesse aqui porque eu estou com problema em matemática. Realmente eu estou tirando notas baixas, mas eu estudo, não sei o que está acontecendo. Minhas amigas até estudam menos do que eu e conseguem ir bem. Ficam dizendo "Carolina, é só decorar algumas regrinhas e pôr em prática nas contas". Mas essas regras me confundem. Eu chego em casa e faço todos os exercícios que a professora passa, mas quando eu chego na aula, estão todos errados. Na verdade, preciso ser sincera, eu tenho uma dificuldade de prestar atenção em algumas aulas, e matemática acontece isso. Sabe quando a gente tá concentrada e de repente nosso pensamento começa a passear, como um mosquito, para todos os lados? A morte da bezerra, como minha mãe fala. Fico parada, olhando para um ponto fixo, imaginando qualquer coisa. Esse ponto fixo costuma ser a cabeça da minha colega da frente, a Helena. As vezes ela se vira para trás e eu preciso disfarçar olhando para os lados. Sim, é sempre a mesma colega, porque a professora de matemática escolheu onde vamos sentar. E eu fico bem atrás dela. O cabelo

dela fica bem em cima da minha mesa. Quando minha mãe falou para eu vir, eu fiquei meio insegura. Será que psicóloga consegue resolver essas coisas de dificuldade na escola? Ah entendi. Você é psico… como é que é? Psico...pedagoga...ah certo. Então pode ser que alguma coisa da minha cabeça esteja atrapalhando os estudos? é. Sei lá. Vamos ver. Eu cheguei a achar que tinham forças malignas agindo em mim, não me deixando aprender. Mas não sei se você acredita nessas coisas. A minha mãe acha que pode ser. Eu tenho que parar de ficar vendo TikTok, porque não é coisa de Deus. Minha mãe não gosta quando eu fico muito no TikTok, mas é viciante né. Eu gosto de ver as dancinhas. Tem umas meninas que dançam muito bem. Quero aprender.

– Oi. Não, hoje eu não estou muito bem. Eu sei que hoje combinamos de falar de como é a minha rotina na escola. Mas antes eu queria dizer uma coisa que aconteceu que me deixou muito chateada. Nós meninas não temos permissão para frequentar a sala de jogos. Porque a escola falou que é para os meninos. Tem pebolim e tênis de mesa. Só que algumas meninas ficaram revoltadas, e reclamaram para a direção que

também queriam usar a sala. Queriam fazer abaixo-assinado e tudo. Aí eu disse que não precisava de tudo isso. Não era nada demais. Não pegava bem para as meninas ficarem metidas nessas coisas. Quando eu falei isso, elas ficaram muito bravas comigo, porque eu estava sendo machista. Eu nem achava que podia ser machista, porque sou menina, né. Acho que eu estava tão acostumada com aquilo que nem via que o espaço podia ser nosso também. Eu lembro que a Helena falou "você acha que só os meninos podem ter diversão, e a gente tem que ficar quietinha em um canto?". Isso que ela falou me deixou para baixo. Não tinha pensado por esse lado. E eu estava sendo mesmo uma tapada. Mas saiu no automático. Não é uma coisa na qual eu tenha pensado. Só não queria confusão. Mas fiquei triste, me senti julgada. Será que fiz mal?

– Ta bom. Hoje eu vou falar sobre como é a minha rotina da escola. Você acha que isso tem a ver com a minha dificuldade em matemática? Quando a gente chega, bem de manhãzinha, temos que cantar o hino nacional e fazer uma oração, para que Jesus abençoe nossos estudos. Ahn? Na minha escola é normal. É escola evangélica. O hino e a oração ocupa

uns 30 minutos e é na hora da entrada, com todo mundo no pátio. O diretor que fica lá na frente e organiza essa parte. Ele também é pastor. E muitas das famílias lá na escola gostam dele porque acham que um pastor vai saber como cuidar das crianças do jeito certo. Tá. Depois a gente vai para sala de aula, ter aula normal. As vezes eu chego atrasada e perco essa primeira parte. Vou direto para sala. Aí tem 3 aulas, intervalo e mais 3 aulas. Ah, agora podemos usar a sala de jogos, tem o horário dos meninos e o horário das meninas. Eles não gostaram muito porque diminuiu o deles, para dividir com a gente. Mas eu não ligo para eles. Ninguém mandou quererem ser donos de tudo.

– Hoje eu trouxe alguns dos problemas de matemática que a professora passou, para você ver. Olha: "Salomão tinha 32 criados e 37 criadas. Quantos ele tinha ao todo?" "A cada ano Paulo visitava 8 cidades. Quantas cidades ele visitou em 9 anos?". Eu queria falar que eu acho que eu sei o que está me distraindo na aula. O cabelo da minha amiga fica em cima da mesa tem um perfume que me deixa distraída. Tenho vontade de tocar, mas seria muito estranho fazer isso, não é?

– Hoje aconteceu algo muito estranho, na escola. Como já está acabando a pandemia do corona, na escola não está mais sendo obrigado a usar máscaras. E a Helena foi sem máscara pela primeira vez. O rosto dela não é mais como eu me lembrava. Quando começamos a usar máscara nem eramos adolescentes. O rosto dela é muito bonito. Sério. Ela tem um cabelo preto e liso que vem até um pouco abaixo dos ombros, os olhos castanhos e a pele clara, mas não tanto. Fiquei impressionada. Fiquei ao mesmo tempo me achando muito feia, porque quando olhei para ela eu senti que aquela beleza estava muito acima da minha. Mas não foi só isso, eu fiquei obcecada, fiquei olhando o dia inteiro, quase não conseguia disfarçar. Eu estava morrendo de medo das pessoas repararem nisso, mas mesmo assim não conseguia desgrudar o olho. Na aula de matemática, que ela fica na minha frente, já falei né, ela se virou para trás para me pedir um apontador emprestado. Quando entreguei para ela, minha mão estava gelada e meu rosto vermelho. Ela nem deve ter notado. Quando devolveu, nem falou nada, mas deu um sorrisinho leve. A imagem do sorriso dela ficou na minha cabeça o dia inteiro. Quando eu rio,

eu dou gargalhadas, abro muito a minha boca, mostro todos os dentes. Não sei dar um sorriso leve como o dela, que mexe só um pouco os lábios. A Helena é muito séria. Ela fica estudando o tempo todo, e quando não está estudando, fica desenhando. Já aconteceu de ela ficar 2 aulas inteiras desenhando, quando o professor faltou. Durante todo esse tempo, ela não levantou os olhos do papel, só para pegar os lápis de cor, e eu olhava de vez em quando para ela, sem que ela me notasse.

– Eu convidei a helena para a minha festa de 13 anos, mas eu estava torcendo para ela não ir. Eu tive que convidá-la, porque eu convidei todo mundo da minha turma da escola. Ela disse que precisava ver se os pais dela iam conseguir levá-la na festa. Acontece que quando estou perto dela eu não me sinto à vontade para ser como eu sou mesmo. Eu fico envergonhada quando eu faço alguma bobeira, fico me sentindo idiota.

– Outro dia eu fui surpreendida com a Maria Clara dizendo para mim que o Gustavo, da nossa sala, queria ficar comigo. Eu pensei, como assim? Eu não achava que alguém fosse querer ficar comigo, e sinceramente isso me pegou de

surpresa. A minha resposta imediata foi não, eu não consigo me ver beijando os meninos. Será que eu ainda sou muito nova para isso? Mas eu acho meio nojento. Eu sei que tem gente que fala que acha nojento mas na verdade não acha. Mas eu acho mesmo. Sério.

– Eu te contei que a festa anual da escola aconteceu na minha igreja? Muita coincidência né. É que o diretor é amigo do pastor de lá. Achei muito legal porque meus amigos da igreja conheceram os da escola. Mas a Helena lá me deixou um pouco tímida. Com o pessoal da igreja eu sou muito brincalhona, sabe, e não quero que ela me veja assim. Eu brinco de pega-pega, esconde-esconde, coisas de criança. Não quero que ela ache que eu sou criança. Eu sei que não deveria me preocupar com o que ela acha, nem com os outros. Mas eu fico me sentindo idiota perto dela, não sei se você me entende. Na escola, uma vez eu fiquei passando mal. Porque eu estava atrás dela e toda vez que ela se mexia eu achava que ela ia se virar para falar comigo. E meu coração acelerava. Eu pedi para ir no banheiro e fiquei demorando de voltar porque eu estava com medo de conversar com ela. Eu nunca puxo assunto com a

Helena, mas ela fala comigo e eu não consigo responder direito, porque meu pensamento fica prejudicado.

– Na sexta feira da semana passada fomos para uma excursão. Fomos conhecer o templo de salomão. Isso, da escola. Na excursão a gente não precisaria estar de uniforme. Eu fui com uma roupa básica, a mesma que eu uso para ir à igreja. A Helena estava toda de preto. Com uma calça jeans preta e com uma camiseta preta, que tinha uma abertura no ombro. Ela estava deslumbrante. Eu fiquei tão fascinada por ela que mal conseguia despregar o olhar. Estava mais bonita do que sempre, se é que é possível. Eu tentava não encarar tanto porque as pessoas iam reparar, era escancarado demais. Uma parte de mim ficava falando "para de olhar, para de olhar" mas eu não conseguia, quando dava por mim já estava olhando de novo. Os meninos ficaram tão bobos que corriam para lá e para cá. Nós meninas ficávamos todas juntas e demos várias voltas no prédio. Antes de irmos embora, fizemos uma oração. O professor de história e o diretor, que estava levando a gente, pediu para a gente fazer uma roda e darmos as mãos. Dei as mãos para o Pedro e para a Helena. Eu nunca tinha segurado na

mão dela antes. Assim que a minha mão encostou na dela o coração acelerou como nunca, achei até que fosse desmaiar. Depois de uns dois minutos, no meio da oração, eu senti minha mão suando. Me bateu um desespero. Minha mão está suando e ela vai perceber. Eu nem mexia minha mão para não chamar atenção. Ela vai sentir o suor na mão dela. Eu nunca mais vou conseguir olhar na cara dela sabendo que ela viu minha mão suar. Agora eu acho que não era para tudo isso, mas foi exatamente assim que pensei na hora. Estava extasiada. Quando terminou a oração, minha mão estava quente e úmida. Mas aparentemente ela não percebeu. Passou o dedo nos cabelos colocando-os atrás da orelha. A imagem dela com os cabelos atrás de uma das orelhas também ficou na minha mente, como a do sorriso leve que só ela sabe fazer.

– Ontem nós fomos para o culto e o pastor ficou falando de como os pais têm que ter cuidado para que os filhos não se tornem gays, falou de como a lesbianice está dominando as meninas. Aí eu fiquei angustiada. Fiquei pensando, será que sou sapatona? Não quero ser. Mas eu acho a Helena muito bonita. Você sabe disso. Eu não quero que a minha mãe saiba

disso, você não vai contar né? Talvez seja hora de eu aceitar ficar com algum menino. Lembra que o Gustavo queria ficar comigo? Eu talvez precise experimentar. Nunca beijei na boca. Enquanto o pastor falava eu suava frio. Deus está vendo tudo. Porque ele deixa eu ser assim, se é pecado? Você está me dizendo que não é problema, eu entendo, mas o pessoal da igreja ia me olhar com olho torto. Talvez iam tentar expulsar algum demônio do meu corpo. O que? Eu também não sei se eu sou. Na verdade, eu queria ter certeza que não sou, mas a pregação de ontem me deixou em dúvidas. Será que é porque eu vejo muitas coisas na internet? O pastor falou que a internet influencia os jovens para essas coisas. É possível que a internet me influencie e eu nem perceba? Eu não sei.

– Hoje a professora de matemática colocou os alunos em duplas. O objetivo era que uma pessoa ajudasse a outra. E eu fiquei na mesma dupla com a Helena. Foi a pior aula que eu já tive. Porque ela é muito boa em matemática. E ela ficava tentando me ensinar. Quando ela falava comigo, meu coração ficava bem acelerado. E eu não conseguia pensar em resolver a conta. Eu falava o primeiro número que me vinha a cabeça

porque eu não conseguia pensar direito. E eu errava tudo, lógico. Como posso estudar assim?

– Doutora, me ajuda, me diz que poder maluco essa menina tem de me deixar com o coração acelerado toda vez que ela fala comigo? Não aguento mais. Quero só ficar em paz. Não quero mais aquele sorrisinho na minha mente. O que eu faço? Deus está observando tudo, até no de dentro da gente, eu não quero que ele veja essas coisas. Não quero que Deus tenha raiva de mim. Me ajuda.

O segredo

O menino sai do portão para a rua, mas o mundo está diferente. O asfalto, a calçada, as árvores, as casas, tudo adquire um uma nova feição. Isto porque as coisas compartilham com ele a verdade por trás de tudo que é aparente. Ele, agora, é detentor do segredo.

Quando olha para as pessoas, indo para o mercado, voltando do trabalho, as crianças brincando, tudo adquire um aspecto de vida automática, sem sentido. Eita vida besta, meu Deus! O mundo parece uma máquina, que gira sem sair do lugar, engrenagens arranhadas e sujas de óleo.

O segredo dele é um lugar na mente, que foi criado nas suas horas de leitura, um espaço próprio. Um casarão com seus vários quartos, cheios de coisas, que foi acumulando dia após dia. De vez em quando, ao fechar os olhos, entra lá, passeia e brinca com alguma coisa.

O mais legal, entretanto, é quando alguém aparece no casarão para conversar com ele. É este o momento da leitura. Imagina alguém sentado em uma das poltronas dos muitos quartos do casarão, sentado diante dele, começando a falar,

antes de imaginar a história contada por esta pessoa. Os autores, após a companhia de algumas horas, já são sentidos como íntimos, como amigos e mestres ao mesmo tempo. Cada um era recebido em um lugar diferente. Na sala de visitas, no anfiteatro, na sala do piano, era um lugar nobre e dourado.

O que os convidados lhe diziam, ele ouvia como se fossem fofocas, que não podem ser espalhadas. Todos contavam histórias, que, intencionalmente ou não, lhe mostravam outras formas de ver o mundo. Mesmo sabendo que as histórias eram mentiras, só o fato de serem pensadas já era suficiente. Em algumas histórias ele se irritava, algumas lhe faziam chorar, e outras o deixavam meditativo por dias.

Preferia as últimas, que alimentavam o pensamento, sobre ele mesmo e sobre o mundo em que ele vivia. As vezes uma frase, um mísero pedaço de história, batia-lhe na cara, com a força de um relâmpago, e iluminava tudo. Estas frases ficavam ecoando na sua cabeça. “A arte existe porque a vida não basta”: ele tinha ficado com esta frase, mas nem lembrava de onde tirou. As vezes citava colocando na boca de um autor, as vezes de outro.

A questão é que os autores falavam coisas que se misturavam com os pensamentos próprios, indistintamente. Eram como tijolos com os quais ele construía os próprios pensamentos, sua identidade.

Ele também jogava futebol na frente de casa. Morava em uma rua residencial pequena, quase sem saída. Uma das pontas da rua era uma ladeira muito íngreme, que os carros não costumavam passar. Portanto tinha espaço para brincar. Nos seus doze anos, jogava bola quase todo dia. Mas durante os intervalos, as conversas prosaicas não satisfaziam. Era muito pouco, raciocínios rasos: a escola, a casa, o novo filme de corrida de carros, o carro novo de algum vizinho, o resultado da partida de futebol do São Paulo contra o Corinthians.

Quando chegava em casa é que abria de novo o casarão. E se sentava com algum convidado: russo, brasileiro, francês ou moçambicano. O casarão era muito maior do que a casa em que ele morava, e ficava no espaço entre ele e o livro. Enquanto na casa dormia em um colchão no chão da sala, pois só havia um quarto, mal cabendo seus pais e irmãos. Gostava de dormir na sala pois tinha mais liberdade de ligar a luz a noite e ler.

Durante as tardes, ele gostava de subir na laje, sentar-se encostado no suporte da caixa d'água, e ler. Dali, conseguia ter uma vista panorâmica da rua e de uma parte do bairro. E, quando o livro instigava algum pensamento profundo, ele olhava para o horizonte, vendo o bairro periférico e habitando o seu casarão luxuoso, que só ele mesmo conhecia.

Os convidados lhe contavam verdades sobre o universo. Qual o fundamento e a finalidade da matéria e das ideias. Contavam sobre um cara que matou uma velha e ficou perturbado com a culpa, até se entregar. Contavam sobre outro cara que virou uma barata e não conseguia sair da cama. Sobre um menino que recebeu uma carta de uma escola de magia. Sobre um cavaleiro que não existia, mas, mesmo assim, era uma armadura andante, extremamente sistemático e rigoroso. Sobre um homem que saiu em um barco e ficou para sempre no meio do rio.

No final acabava achando que o que acontecia com os personagens tinha, de certa forma, uma analogia com o que acontecia com ele, mesmo que fossem coisas absolutamente surreais. Ler é sair da realidade cotidiana para encontrar a realidade escondida no tecido da ficção.

Ao sair da rua de novo para jogar bola, ou para brincar de pega-pega, ele tinha uma certa arrogância. Sabia que conhecia coisas que eles, os da sua rua, jamais sonharam em conhecer. Já tinha conversado com gente importante, tão importante que estão marcados na história da humanidade.

Ele tinha o segredo, que não contava para ninguém, e que ninguém tirava dele. Vivia sua vida como menino da periferia de São Paulo, de uma rua em um bairro de Guaianases, jogando bola na frente de casa, conversando sobre qualquer coisa sem importância. Mas sabia que a sua vida tinha algo mais, que seus companheiros da rua não tinham. E isto fazia toda a diferença.

Tinha poucos professores leitores. Na verdade não se lembrava de nenhum, exceto uma professora de português do ensino médio, que misturava as obras literárias com sua vida pessoal. Mas ela nunca soube que compartilhavam os mesmos amigos em comum, os escritores. Lembra de alguns professores que reverenciavam a leitura, como algo que é maravilhoso, mas só acessível a poucos dotados de intelecto capaz de entender estes livros: a literatura como obra sacralizada e distante.

Ele, como alguém de origem pobre, tinha um pouco de medo de se aventurar em um universo que não era feito para ele. Mas lia como alguém que pula a catraca e se disfarça em um evento para o qual não foi convidado. Entretanto, para sua surpresa, os escritores o recebiam muito bem ali. Dostoiévski, por exemplo, tinha na pobreza parte importante de suas histórias. A preocupação de como iam pagar as contas, que ele via seus pais discutirem, estava também presentes nos personagens que ele via na obra russa. Dostoiévski era um que recebia no subsolo, escuro e profundo. Falava o tempo todo e não lhe recriminava por não estar entendendo.

Assim como não herdou dinheiro, não herdou a cultura, ele tomou a força, roubando, recebendo esmola ou ganhando auxílio do governo, nas bibliotecas públicas. Nelas encontrou a riqueza adormecida, como na caverna de Ali Babá.

Como era de família religiosa, ia na igreja aos domingos, e não entendia muito o que se passava por lá. As pessoas liam a bíblia errado: como um rei autoritário dando regras para se viver certo. Mas a maior parte da bíblia era feita de histórias, poesias e reflexões. Não cabia, muitas vezes, essa leitura, e inventavam coisas malucas para amarrar ideias

desconexas, um grande malabarismo de palavras. Ele tinha certeza que não sabiam ler a bíblia porque não sabiam ler outros livros.

As vezes, o dia estava difícil, a escola era a selva violenta de sempre e a rua não era nada melhor. Mas chegava em casa, sentava com um livro no quintal ou em cima da laje, abria seu casarão enorme e luxuoso, e lia até o mundo se transformar.

A namorada

Trabalhamos em uma empresa de consultoria jurídica. Eu faço parte do setor de arquivamento de processos, enquanto ela fazia parte do setor financeiro. Eramos auxiliares administrativos, que significa basicamente fazer o que eles quiserem que façamos. No meu caso, só confiro documentos, jogo no sistema e levo os papéis para o arquivo, que é um quarto escuro e empoeirado. Ela era uma pessoa muito introspectiva, como eu. Mas tinha lá suas amigas.

Ela aparentava ter uns vinte anos. Tinha uma feição que lembrava os rostos indígenas. Era magra, sem curvas acentuadas. Gostava muito de usar camisetas de manga longa, com bruxas, unicórnios e outras criaturas fantásticas. Tinha uma mochila, com chaveiros coloridos, e estava sempre com um livro. Tinha dias que não lia nada, porque tinha muito trabalho ou porque estava imersa em pensamentos, mas sempre estava com um livro por perto.

Nunca nos falamos. Sim. Nunca, nunca mesmo. Mas nos olhávamos, e é o suficiente para conhecê-la profundamente. Não a encarava tanto, sabia me controlar. Não

queria sufocá-la. A empresa tinha um andar inteiro do prédio, e a maior parte dos colaboradores ficava no mesmo salão, com dezenas de mesas em um espaço aberto enorme. Nem sempre eu podia vê-la da minha mesa, mas, mesmo assim, sabia que ela estava lá, com o olho grudado no computador e os pensamentos nas nuvens.

Sempre que levantava para tomar água no bebedouro, eu dava um jeito de olhar para ela. E eu sei que ela me olhava também. E seu olho era dono de mim. Eu passava na sua frente, discreto, e o destino se incumbia de unir as nossas almas momentaneamente.

Mas isso são só detalhes da nossa relação. Na verdade o nosso lugar era o metrô. Ela pegava o mesmo metrô que eu, da Barra Funda até a República. Quando a encontrava de manhã, eu já tinha felicidade suficiente para terminar o dia. Sabia que ela chegava na Barra funda de ônibus. Até vi uma vez ela chegando, mas eu esqueci qual é.

Desculpe a falta de modos, eu sei que não falei o nome dela, mas é porque na verdade não sei. Nunca descobri e nunca investiguei, pois nunca fui do tipo que fica buscando

informações das pessoas. Eu tinha apenas o que ela me fornecia. E o nome dela nunca me fez falta.

Afinal, de que adiantaria saber? O que é um nome? É a redução de uma pessoa a um conjunto de letras. O nome não devia dizer nada dela. O que diz sobre ela é a sua existência. E a sua existência eu conhecia. Eu estava frente a frente com a existência dela, atravessando os dias. Ao mesmo tempo conhecida e completamente estranha para mim. Eu a contemplava e não precisava de mais que isso. Só olhando eu já percebia que ela era complexa demais para eu entender. As palavras estragariam: as palavras simplificam. Eu sentia a presença dela. Nós nos sentíamos. Sem falar nada. Nós convivíamos como namorados, namorávamos o mais profundo do outro. Eu sentia quando ela estava nervosa, ou triste e me entristecia, me enfurecia junto. Uma hora percebi: ela era minha namorada.

Nós namorávamos. Era isso. As vezes achava que eu namorava comigo mesmo. A ideia que eu tinha dela provavelmente era diferente da que ela tinha de si mesma.

De todas as coisas, o que me deixava mais apaixonado era o fato de que não a conhecia. Não sabia o que ela era. Ela

era puro mistério; e o mistério me encantava. O mistério sempre me encantou. Ela era uma pessoa real, infinitamente desconhecida. Eu sabia só alguma coisinha dela. Alguns livros que eu a via lendo, de fantasia e aventura. Algumas referências nas camisetas. De fato era só.

Sabia que ela pensava. Sempre pensava; pensamentos concentrados. No metrô, as estações iam passando e ela estava com o olhar fixo para a janela, pensando. Eu a admirava pensando. Admirava os pensamentos dela, mesmo desconhecendo. Desconhecê-los era fundamental. Ela era puro pensamento.

Nós nos amávamos. Porem, nos amávamos de um jeito incomum. Era um amor silencioso, gentil, sem brigas, sem decepções, um amor estável. Um amor sentido, um na respiração do outro, sentindo a vida em cada movimento, sentimos que o coração estava batendo, os dois, no mesmo ritmo sinfônico.

Mesmo com tudo isso eu nunca quis falar com ela. Não faria isso. Iria quebrar todo o nosso relacionamento. Isso iria sufocá-la. Quando ela me olhava, timidamente, seus olhos diziam que meu silêncio a confortava. Assim, nossos encontros

pela manhã me davam força para aguentar aquela demência que era o nosso trabalho.

O nosso trabalho! Mais alguma coisa que eu sabia sobre ela, vagamente. Ela era obrigada a fazer centenas de planilhas, ligava cobrando pessoas que ela nem conhece e, muitas vezes, ser ofendida ou ouvir grosserias. Eu não suportaria conhecer alguém que ousou ofendê-la. Ainda por cima, seu trabalho deixava cada vez os donos mais ricos, bilionários, enquanto ela recebia um mísero salário-mínimo, que era abaixo do mínimo, se considerarmos os descontos. Talvez fosse esse o motivo pelo qual ela ficava pensativa toda manhã, por vezes angustiada. Não sei, talvez só eu sentisse angústia por isso. Talvez sua angústia seja por um homem que a fez sofrer. Se algum homem fez ela sofrer é um maldito. Odeio ele. Odeio todos que ela amou e a fizeram sofrer. Bando de malditos. Miseráveis.

Eu não a faço sofrer. Exceto quando a olho demais. Vejo que ela fica levemente desconfortável. Mas quando percebo, imediatamente me corrijo. Fico bastante tempo sem olhá-la, em sinal de desculpas.

Uma vez eu estava lendo o mesmo livro que ela. Eu a vi lendo e comprei imediatamente. Quando chegou pelo correio,

ela ainda estava com ele. Ela passou do lado da minha mesa, olhou para o livro e sorriu para mim. Não precisava dizer mais nada. Eu fiquei feliz uma semana inteira por isso.

Não conheci o timbre de sua voz. Ela falava com a voz baixa, quase um sussurro. Via ela conversando com suas poucas amigas, mas não chegava nenhum som até mim, do outro lado do salão. Para mim ela era silêncio absoluto, profundidade infinita. Me controlava, sem a menor intenção. Ela se mostrava para mim, mais do que as palavras podem dizer. Talvez tenha sido meu amor verdadeiro.

Instruções de como abrir uma bala no culto da igreja sem que os colegas percebam e peçam

Preâmbulo

Este manual serve para aqueles que levam bala para a igreja por gostar de chupá-las durante o culto, e não para aqueles que levam balas para a igreja para ostentar e chamar atenção. Talvez possa abrir uma exceção para aquela menina que você gosta, sua prometida, ou, como dizem os mais novos, sua *crush*. Não sei se é adaptável em outras religiões porque não fiz o teste.

Manual

Para isso, é necessário que você compre balas em um lugar que não seja muito perto da igreja que você frequenta. Isto pelo simples motivo de que você pode encontrar um colega lá e o plano virá por água abaixo. Coloque as balas no bolso frontal da sua calça, do lado da sua mão dominante. Por

exemplo, se você é destro, deve colocar as balas no bolso frontal direito.

Chegando no culto, espere alguns momentos até que ninguém preste atenção em você. Coloque a mão no bolso e, tateando, encontre uma bala. Segure a bala da seguinte forma: com o dedo indicador e o polegar, segure uma das extremidades do plástico que envolve a bala. Com o dedo médio e o anelar segure a outra extremidade. Quando estiver segurando bem firme, faça o movimento de distanciamento destes polos. Quanto menor a velocidade deste distanciamento, menor será o barulho feito pelo plástico, que já está consideravelmente abafado por estar dentro do bolso. Então, se sua igreja for mais barulhenta, você pode fazer o movimento mais rápido do que se sua igreja for mais silenciosa. Caso você tenha ansiedade, o movimento lento de abrir a bala pode servir de treino, porque quanto mais lento for, maior a chance de sucesso. Após o esticamento do plástico, você procura, ao redor do meio da bala, o ponto onde o papel tem uma abertura, que já se torna mais evidente depois do passo anterior. Segure o papel na abertura com o dedo indicador e polegar, enquanto com o dedo médio você vai empurrando o centro da bala, de

modo que ela se desenrolará gradativamente.

Quando a bala já estiver fora da embalagem, segure-a com o polegar no meio da palma da mão. Retire do bolso e finja que está bocejando, para tapar a boca com a mão e sorrateiramente, jogar a bala para dentro da boca.

Se a igreja for silenciosa, recomendo não morder a bala, pois este barulho pode servir de alerta para os colegas.

Considerações finais:

Talvez seja interessante treinar este procedimento em casa antes de tentar em um culto real.

Sábado

Quinta-feira, no quarto do casal, havia uma discussão de horas, que finalizava com o término, total e definitivo. A mulher e o marido não se suportavam mais. Ela não suportava o jeito bruto e seco, nada romântico, do marido, enquanto ele não suportava o jeito "cheio de frescuras" e cobranças dela. Nenhum deles estava disposto a se adequar nem a aceitar o companheiro "do jeito como as coisas estão". Decidiu-se:

– Domingo eu vou embora. Acabou. – Disse o marido.

Os dois dormiram com a cabeça encarando os pés do companheiro. Não tinha mais jeito.

Na sexta-feira mal se falavam, só o indispensável. "me passa o sal", "a torneira está vazando". Ele foi para a empresa e ela ficou trabalhando em casa, como sempre, fazendo bolo e anunciando produtos de uma revista no status do celular. As crianças, um menino de 9 e uma menina de 11 anos, foram para a escola. Ninguém contou nada para eles, precipitadamente.

O marido voltou para casa triste, falava baixo e se mexia o mínimo possível. A mulher ficava sem saber o que fazer na sua presença, mexia as mãos sem fazer sentido. Tudo

era desconforto, mas ninguém dava o braço a torcer. Quando o grande relógio da sala mostrava 11 horas da noite, foram dormir. O relógio da sala era enorme e possuía um pêndulo que ecoava pela casa toda. O tic-tac era tão comum que nem ouviam mais. E o resto é silêncio e demoramento.

Quando acordam, no café da manhã:

– Hoje, como é sábado, eu vou colocar minhas coisas nas malas. – Disse ele, com um tom de tristeza na voz.

– Mas hoje ainda é sexta. – Disse a mulher, e ninguém discutiu. Ela tinha retirado o calendário da parede da cozinha. Mas falava com rispidez, para não ser contrariada. – Meninos, comam logo este pão para se arrumarem para a escola.

– mas mãe, hoje…

– rápido! – disse ela, sem deixar as crianças completarem a frase.

Os meninos colocam o uniforme e saem de casa. A escola era a dois quarteirões de distância. Vinte e cinco minutos depois eles voltam.

– Hoje fomos dispensados. Os professores faltaram.

– Tudo bem – Disse a mãe, aliviada.

Brincaram, assistiram desenhos animados na TV, jogaram videogame. A mãe preparava os bolos e recebia as visitas para comprar seus produtos. A noite, o marido quis conversar novamente sobre o casamento. Mas a conversa, que iniciou tranquila, desandou para uma discussão mais feia ainda que a de quinta-feira. Mais uma vez dormiram virados.

No dia seguinte, durante o café:

– Que dia é hoje, mesmo? – pergunta o marido.

– Sábado! – Responde a mulher, sem olhos nos olhos.

– Eeeehh!!! – As crianças comemoram. – Hoje não tem escola.

Mas o marido encara o seu pão com margarina pensativo. Toma o café em silêncio e vai trabalhar, porque ele também trabalha aos sábados. Quando as crianças voltam para casa, a menina percebe que o relógio da sala não gira os ponteiros, embora o pêndulo continuasse a fazer barulho. Marcava 18h. O sábado ficou. No dia seguinte, como ainda era sábado, as crianças contentes não foram para a escola.

Após a terceira noite de sábado, a mãe disse para os meninos se arrumarem para a escola. Mas o menino retrucou, como se já tivesse preparado:

– Hoje não é sábado? – E os dois saíram para brincar no quintal enquanto pairava o silêncio entre os adultos.

Entre os adultos, a tensão ia se dissolvendo. Saber que estava acabando dava uma leveza. Pensavam: deixa ele (ou ela) fazer o que quiser, já está acabando mesmo. Mas nunca acabava. E o fato do tempo não passar era um desejo tão profundo que se realizava ali, impossível, diante da vista de todos.

Mas o tempo não parava totalmente. Quando o marido era rude, passava a noite bebendo no bar ou esquecia o quarto bagunçado e sujo, a mulher adiantava o relógio alguns minutos. Ele descobriu que dar flores para ela, levar para jantar fora ou ficar muitos dias sem problemas, o relógio diminuía as horas. Estava quase sempre entre o meio dia e as dezenove horas.

Após uns quarenta sábados, dois funcionários conselho tutelar bateu na porta.

– Pois não? – disse a mãe, atendendo.

– Bom dia. Viemos saber por que as duas crianças desta casa não foram mais na escola. Está tudo bem?

A mãe e o pai conversaram com os conselheiros, longe das crianças por uma hora. Quando eles foram embora, a mãe chamou as crianças e falou:

– Gente. Acabei de receber a notícia que vocês vão ter aulas de sábado. – Viu a cara de desânimo dos dois. Acrescentou – Mas não todos. A cada cinco sábados com aula, dois sábados não terão aula.

O tempo se arrastou deste jeito, todos os dias pareciam o mesmo, até os cabelos brancos tomarem as cabeças do casal. As crianças se formaram, foram morar perto da faculdade. A menina saiu de casa em um sábado e dois anos depois o menino saiu, no sábado. Os pais ficaram velhos e morreram de velhice, juntos, no mesmo sábado, quando o relógio de pêndulo da sala marcava 7h da manhã.

A biblioteca

"No instante em que eu
deixo de acreditar nele,
'Averróis' desaparece"
Jorge Luis Borges

Em uma cidadezinha do interior de São Paulo, há uma biblioteca. A única da cidade. Nela existe um acervo bem vasto, englobando, além da literatura, várias áreas do saber. Ou seja, uma biblioteca não muito fora do padrão. Não era a biblioteca de Babel, com todas as possibilidades de livro, nem a de Alexandria, mas continha a cesta básica da cultura. Um prédio pequeno, não muito maior do que uma casa térrea.

Nesta biblioteca chegou um novo bibliotecário, Márcio, que chefiaria aquele espaço. O antigo chefe tinha se aposentado, e o cargo estava vago. O novo chefe tinha uma enorme paixão pelo papel que aquela instituição poderia fazer na transformação social. Queria ficar marcado na história da cidade como alguém que realizou uma transformação na cultura. Os olhos brilhavam diante dessa possibilidade. Tinha

estudado e vivia na cidade grande, não conhecia a vida e os costumes daquela gente, foi indicado para lá por ter diploma e muitos conhecidos na área.

Na primeira reunião, após um mês de trabalho, chamou todos os funcionários e disse:

– Tive uma ideia e queria compartilhar para vocês. Vamos transformar a biblioteca em um espaço onde só tenha autores negros. Isto será feito para reparar a imagem eurocêntrica da cultura brasileira. Os brancos escreveram a nossa cultura. Até hoje!

– Como isso vai funcionar? – perguntou um dos presentes.

– Vamos retirar todos os autores brancos das estantes.

– Mas assim ficaríamos com menos da metade do nosso acervo.

– Tudo bem. Pedirei para a prefeitura verba para comprar mais autores negros.

O grupo de funcionários achou estranho, no início, mas não queriam se desentender com o novo chefe. Não sabiam como seria sua forma de lidar com o divergente. Um dos funcionários, Jorge, entretanto, ficou extremamente

incomodado. Pois estava retirando livros que considerava excelentes, clássicos, riquezas produzidas pela humanidade, que aquela cidade não poderia mais ter acesso a partir dali. Como na cidadezinha não tinha livraria, só na cidade vizinha, ficou pensando em como aqueles livros ficariam excluídos do povo. E falava isso abertamente com os colegas, mas não para o chefe.

Mas mesmo assim, foi chamado para uma reunião com o chefe:

– Estou sabendo que você não gostou da mudança que propus para a nossa biblioteca. Tem algum problema?

– Na verdade, eu tenho algumas questões quanto a isso. Pois eu não acho que devemos tirar de circulação Shakespeare, Dante, Dostoiévski ou Guimarães Rosa. Entendo a proposta, mas acho que todos os autores, negros e brancos, deveriam ser acessível ao público.

– Você não acha que assim estaríamos reafirmando a branquitude? Olhe. Nós dois somos negros. Ou você não se acha negro?

– Sou. Mas e se em vez de excluirmos os livros, não usássemos para fazer uma leitura crítica, denunciando o

eurocentrismo? Compararíamos com os autores negros e assim teremos uma forma de aprender com eles, e não colocar no quarto empoeirado.

– Acho que com esta fala você está apenas querendo manter seus queridos escritores brancos em evidência.

– Acho apenas que aprender com eles e apontar os seus problemas seja mais eficaz do que a seu apagamento. Só é possível enfrentar o que se conhece.

– E eu acho que qualquer argumento que queria impedir uma biblioteca completamente negra é um argumento racista.

Percebendo que não haveria entendimento, os dois acabaram ali a conversa, e não voltaram nunca mais a ela. Realmente a biblioteca ficou com menos da metade do seu acervo, pois a prefeitura alegou falta de verba nos caixas públicos para as novas aquisições. O prefeito prometeu que no ano seguinte colocaria no orçamento a tal compra. Uma parte da biblioteca foi usada como depósito, que os funcionários chamavam de “quarto empoeirado”.

Um mês depois, outra reunião. Dessa vez a biblioteca retiraria todos os escritores homens. E dessa vez não houve resistência. O acervo reduziu novamente para menos da metade

do que era antes. As pessoas aos poucos paravam de ir, pois procuravam livros específicos e não estavam disponíveis. Estavam em algum canto do quarto empoeirado, que agora já ocupava dois quartos. Os livros empoeirados estavam empilhados e espalhados nestes quartos sem critério nenhum.

Nos meses seguintes, novos critérios foram aparecendo. Retiraram todos os autores héteros, e Carolina Maria de Jesus foi parar no quarto empoeirado. Depois retiraram os autores que citavam positivamente literatura europeia ou filósofos europeus, os autores capacitistas, gordofóbicos, xenofóbicos. Retiraram autores que se inspiravam em uma narratividade escrita, deixando aqueles que apenas se inspiram em literatura oral. Depois de tantos critérios, sobrou apenas uma prateleira, que ficava logo em frente à recepção. Mais da metade dos livros daquela prateleira foram comprados por Márcio, com o próprio dinheiro. Alguns frequentadores da biblioteca já tinham lido todos os livros daquela prateleira e não vinham mais. Os mais otimistas apareciam de vez em quando para verificar se haviam novos. Mas a tendência era que houvessem menos. Pois uma declaração no twitter, falando algum tipo de

bobagem, era o suficiente para que autores fossem retirados da estante.

Os funcionários da biblioteca notaram que Jorge passava muito tempo nos quartos escuros. Quase seu dia todo. Atribuíram isto ao seu apego pelos livros que estavam lá, e nada mais. Mais tarde, porém, descobriram que ele estava emprestando os livros para a população, clandestinamente. Todo dia ele colocava quatro ou cinco livros na bolsa e levava para casa, onde era visitado pelos interessados. A casa dele se tornou um ponto de encontro muito mais frequentado pelos leitores do que a biblioteca. E lá, se poderia conseguir muito mais.

Quando esta notícia chegou nos ouvidos de Márcio, ele ficou furioso. Toda a transformação que estava propondo estava sendo boicotada por um rebelde. Não poderia deixar isto continuar acontecendo. Precisava fazer alguma coisa.

No domingo, Márcio foi até a biblioteca e começou a esvaziar os quartos escuros, jogando todos os livros no quintal. Passou o dia inteiro amontoando os livros, até que não sobrasse mais nada nos estoques. Era uma montanha enorme de livros. Acendeu o fósforo e transferiu o fogo para o papel, na parte

inferior da montanha. O fogo se alastrou, o fogo que consumia todos os séculos.

Quando a fumaça já estava incomodando os vizinhos, os curiosos foram ver o que estava acontecendo lá. Os bombeiros não quiseram apagar o fogo com a mangueira porque, água ou fogo, danificaria o papel da mesma forma. Os funcionários chegaram quando a fogueira já perdia força. Jorge preferiu ficar em casa e todos que pegaram livros com ele nem se preocuparam em devolver. Márcio varreu as cinzas, colocou no saco de lixo, e voltou para dentro do prédio.

Fuga

(Raízes do Brasil II)

1655. Capitania de Pernambuco.

Adelowo estava escondido no mato. Era alto, negro, vestia apenas uma calça e um colar vermelho e preto. Esperou um momento de distração na fazenda e partiu, sem mala nem cuia.

Estava em desespero, não aguentava mais o trabalho que exigiam dele e principalmente não aguentava estar submetido a ordens do senhor Eduardo. Era uma coisa que não tinha volta, porque ao voltar seria submetido a disciplina que era pior que a morte. Lembrou do Akin que foi capturado na fuga e que ficou preso por sete dias em um cubículo no qual nem cabia em pé. Com um copo de água e um punhado de farinha por dia, porque os donos não queriam o prejuízo do preto morto.

Estava decidido: fuga ou forca. Sabia que existia um lugar onde teria proteção, era um segredo que os negros comentavam de noite, longe dos brancos. Um lugar que talvez

nem fosse real, mas era a única alternativa: Palmares. Um monte de gente vivendo segundo a ordem dos negros, sem padres nem capatazes. Mesmo que lá tivesse que se preparar para a guerra, tudo bem.

O homem foi andando muito e muito tempo. Os dias passavam sem conta, talvez semanas. De vez em quando ele encontrava uma fruta ou folha de comer, algumas vezes achou uma cumbuca com farinha, e agradeceu aos espíritos pela bondade.

Ele confiava que seu pai estava o acompanhando, dia e noite. Ele não sabia o caminho, a direção estava nas mãos do destino.

Em um dos dias, ele escondido no mato atrás de um tronco muito largo, ouviu passos. Eram pelo menos 4 pés. Foi prestando atenção, para saber se é onça, cachorro ou, pior, os homens. Nem precisou deduzir muito, pois estavam conversando. Ouviu algumas coisas.

– Dona Clara disse que viram um preto vindo dessa direção.

– Será que é o do seu Eduardo?

– Pode ser, mas negro na mata sempre é pra pegar. Depois a gente acha pra quem devolver.

Ao ouvir o nome do seu patrão, ficou com mais ódio. O desgraçado tinha colocado os caçadores atrás dele. Pensando bem não era nenhuma surpresa. Desgraça.

Nas redondezas da fazenda onde trabalhava havia o Cândido Neves, que vivia bebendo cachaça no bar e se vangloriando de quantos pretos fugidos já tinha conseguido pegar. Contava as histórias para todos ouvir, de modo que os senhores ficassem sabendo. E era muito requisitado.

Era ele mesmo que se aproximava de Adelowo na mata fechada. Com mais três companheiros, para cercar. Tinha chicote e garruncha. Falou:

– Aparece, preto maldito, sai do mato. Quer viver como macaco?

Ele esperou os barulhos estarem longe o suficiente e foi andando, com todo o cuidado. De repente achou um caminho pisado no meio do mato. Foi seguindo à distância. Depois viu que ele foi atravessado por outro. Uma encruzilhada. Era um sinal. Ele lembrou do seu guia. E era exatamente dele que

precisava. Lembrou de todo trabalho que já tinha feito. Não ia ser deixado na mão.

Começou a cantar mentalmente, já que não podia fazer barulho. Ele repetia, repetia, até que entrava em transe. Ele parecia que não estava mais ali. O corpo estremecida todo, suava. Sentia que estava próximo. Sentiu-se tonto, o coração acelerado. O sentimento era muito forte, não estava mais sozinho.

Tum.

De longe ouviu-se uma gargalhada volumosa e destemida: “HA! HA! HA!” que arrepiou da cabeça aos pés os caçadores. Eles estavam todos juntos. Cândido falou:

– Está com o demônio. Vamos acabar com ele. - fez o sinal da cruz e foi em direção ao lugar de onde saia o som.

Mas a cada minuto ouviam a gargalhada vinda de outro canto. Como se a ginga o transportasse pela névoa. Estavam desorientados. O riso desafiava a todos.

Eles se separaram. De relance viram um vulto sorrateiro segurando um bastão apoiado na nuca. Um deles levou uma rasteira. Caiu com um grito e bateu a costela na raiz de uma

árvore. Os outros foram em seu socorro, enquanto ouviram a gargalhada fugindo, cada vez mais longe.

Adelowo acordou em um quarto, com pessoas lhe dando um chá de ervas para beber. Estava com uns arranhões, com cansaço extremo. Disse:

– Onde estou?

– Te encontramos na entrada da Cerca Real do Macaco, desmaiado. Aqui é Palmares.

Sobre o autor

Felipe Lopes é formado em letras pela Universidade Camilo Castelo Branco (Unicastelo) e filosofia na Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é mestrando em Educação, também na USP, e trabalha como professor de língua portuguesa no município de São Paulo. É autor do livro “Conto e Reconto”.